

VIDA LITTERARIA

"POESIAS HUMORISTICAS", DE BASTOS TIGRE

O Journal - 1-4-34

Agrippino GRIECO.

(COPYRIGHT DOS DIARIOS ASSOCIADOS)

Como tudo isso passou, como está longe de nós! Foi apenas ha uns trinta annos e é como se tivesse sido antes da morte de Julio Cesar!

Ah! o tempo dos ultimos bohemios do Rio, daquelles que o sr. Martins Fontes chama lyricamente de capitalistas "nos dominios de Aldebaran, accionistas da hulha azul!"

O caravancará, o ultimo reducto em que, á falta de Bairro Latino e de café Monus, elles se reuniam aqui no Rio era a confeitaria Colombo, onde todos esses Rodolphos e Marcellos, quasi sempre sem Mimi e Musette, punham á prova a generosidade do dono da casa, o excellento Lebrão, fazendo-lhe sangrar a carteira.

Havia lá um cachorro pacifico, a vagar por entre as mesas em que os poetas sorviam grogs, sem um latido, sem mostrar nunca a dentuça, e um dos bebedores chegou a dizer que "ali o cão era o unico que não mordia".

E'poca de trocadilhos faceis, de epigrammas não muito atticos quando a rapaziada ria sonoramente dos epitaphios do Emilio ou das anedotas do Guima, do Guima que, segundo o Emilio, de tanto beber Madeira acabou com seragem no estomago.

Ao que se vê, divertiam-se elles com bem pouco. Os moços não tinham os oculos e a carranca austera de hoje, a preocupação da realidade nacional, do "yô-yô" sociologico, não pensavam em combater Freud, restaurar a monarchia ou ir em caravana academica ao Japão.

Periodo de feliz despreocupação, em que uma piheria e um copl-

nho de licor enchiam toda uma longa tarde. Os adolescentes mais românticos, apaixonados por qualquer normalista ou qualquer costureirinha da rua do Ouvidor, tomavam refrescos de gomma e um delles accentuava, entre dois suspiros, que o refresco de gomma era a agua de flor de laranja dos poetas...

Pois foi desse periodo sem aviões e sem Greta Garbo que saiu o sr. Bastos Tigre. Pernambucano de nascimento, assimilou elle de prompto as melhores maneiras cariocas, fez-se logo, com todas as honras, cidadão das mesas da Colombo. Formado pela Escola Polytechnica, não sei se chegou a construir alguma ponte ou a abrir algum tunnel. Só sei que, em engenharia, o que elle fez de mais importante foi um jogo de palavras a proposito do engenheiro Aarão Reis, fabricante de phosphoros marca "Olho" e ex-presidente da Associação de Auxilios Mutuos da Estrada de Ferro Central do Brasil. Davam um banquete a esse patriarcha da industria e das vias-ferreas e alguém perguntou ao sr. Bastos Tigre, que figurava entre os convivas, se haveria discursos. Ao que o sr. Bastos, sem mesmo respeitar o ministro Pires do Rio, que presidia o banquete, respondeu: "Harão!"

Emfim, não querendo ser tecnico de compassos e theodolitos, o nosso poeta desandou logo a fazer milhares de versos, serios ou humoristicos, de preferencia humoristicos, fundando revistas, collaborando em jornaes alheios, infatigavel nisso de distribuir espirito quotidiano ou hebdomadario e falando sempre aos leitores com esta graça e simplicidade:

Casos de amor! tenho os ouvidos cheios
De ouvil-os relatar em prosa e em versos:
Juras, ingratições, ciumes, anseios
Almas traidoras, coraçãoes perversos...

E, com toda a paciencia, escuto-os, leio-os,
Por mil volumes e jornaes dispersos;
Sempre alheias paixões, prantos alheios,
Mais semelhantes quanto mais diversos;

Que é sempre o mesmo caso, a mesma lóá:
— Laura é uma ingrata, — só por Clara existo,
— Amo Marília, — Martha me atraçãoa...

Na cruz de Amor cada Poeta é um Christo;
Mas, se a sua pequena é má ou é boa,
Que é que eu tenho, afinal, a ver com isto?

Em summa, o sr. Bastos Tigre vem do tempo em que Rocha Alazão esquecava os senadores e os banqueiros; o sr. Raphael Pinheiro começava a saudar o prefeito em exercicio; Bilac esvaziava tres garrafas sem vacillar nas pernas, com uma admiravel compostura mesmo na bebedeira; Emilio negociava em cachorros de raça, Johanna albuns de botanica e, em perfidias inolvidaveis, era uma especie de Bocage gordo e sedentario; Vitaliano Rotellini levava uma formidavel descompostura do padre José Severiano de Rezende, polemista de batina, Rochefort encarnado em negro, e Augusto Maia, parnasiano fanatico, falava em levantar um busto de ouro e pedras preciosas ao sonetista Heredia, bebendo á saude dos genros deste, os poetas e romancistas Régnier, Maindron e Pierre Louys, só não bebendo á saude de um quarto genro, por que era simplesmente dentista.

Ignoramos se esteve em contacto com Raul Braga, bebbirão insaciavel, autor de um conto famoso intitulado "O cheiro amarello", homem indiscutivelmente espirituoso que, repellido um dia por um imbecil bem vestido, que mandava ao Raul não lhe tocasse no bello terno novo, teve esta resposta esplendida: "Mas onde queres que eu te pegue, se és só roupa?"

Tambem nunca nos disse elle se foi companheiro de B. Lopes, poeta de aristocratas imaginarias, sempre a celebrar a sua Sinhá-Flor, chamando-a de dama brazoadada de alta estirpe, de Musa fidalga, de princeza de Navarra e que uma noite foi levado á delegacia por ter, bebado, partido a cara da Musa, da dama de alta estirpe...

Mas, sem se deixar absorver de todo pela camaradagem do Emilio e do Augusto Maia, o sr. Bastos entrou a fazer humorismo com uma pontualidade quasi burocratica.

Não tenho empregos para dar; não tenho
Dinheiro para emprestimos; por isto
Não recebi, pelo Natal de Christo,
Os cartões de que fazem tanto empenho.

Ah, sim! recebi dois: e está bem visto
Que os dois amigos puz no meu canhenho;
E aqui, agora, agradecer-lhes venho
A honra de, por elles, ser bemquisto.

Obrigado, meus velhos! por meu turno
As "boas festas" para vós requeiro
Ao bom Deus que nos ouve, taciturno.

E que vos seja prospero o anno inteiro,
A ti, ó serviçal guarda nocturno,
A ti, prestimosissimo lixeiro.

Curioso é como elle, poetando, se conserve sempre entre a mathematica e o theatro. Nos seus effectos de comicidade ha qualquer coisa de um calculo geometrico e qualquer coisa de surpresa theatral. E isto me fez a alludir á re-

partição politica de que faz parte, no menos para effectos de folha de pagamento, e onde de uma feita o porteiro não o quiz deixar entrar, mediante allegação de que ali não entravam pessoas estranhas...

"Principe dos artistas do verso comico", disse delle o sr. Martins Fontes, isto pouco antes de referirse ao estudante Emilio Winther, tão pandego que elle mesmo se appellidava de "Procydo de Azoto, gaz hilariante", saltando gargalhadas que quasi rebentavam as vidraças e, na Colombo, "ao contemplar a garrafeira exposta nas prateleiras, extensas e altissimas, murmurava — que belleza de livraria!"

Todos esses senhores projectaram edificar aqui no Rio uma casa onde, para deleitar o publico, haveria especialistas em anedotas historicas e em facecias ecclesiasticas, havendo tambem improvisos ao sabor dos freguezes, attendendo-se a encomendas de epigrammas, tudo a preços modicos, nada mesmo se exigindo quando o cliente fosse jornalista, funcionario publico ou indigente de igual especie...

Ah! umas tres decadas passaram depois disso e como tudo mudou entre nós! Nenhum architecto se encarregou de levantar a Casa da Alegria. Augusto Maia, Rotellini, muitos outros morreram.

Um dos poucos que resistem é o sr. Bastos Tigre, homem rijo, apesar das esbornias juvenis, e resiste porque num dado momento, antes que a bohemia o deixasse, deixou a bohemia, derrubou os bigodes que os humoristas concorrentes chamavam de "bastos" (calemburgo facil), perdeu os ares tigrinos (tambem não é trocadilho difficil) e entrou a rimar annuncios para a casa Palermo ou a drogaria Bayer.

Mas é um poeta, inalteravelmente poeta e, a rigor, o maior dos nossos humoristas vivos. Não é um graphomano ou um palhaço qualquer quem escreve isto:

vista de anno que elle compoz (ha quantos annos!) de parceria com o João Phoca, "O Maxixe".

João Phoca, que era no registro de nascimento Baptista Coelho, deixou um livro de contes regionaes sobre os proleiros de Santos, es

do de sua infancia e
nunca esquecida.
das pilherias
espalhou pelas
colunas do "Jornal do Brasil",
nem todas muito finas, mas ainda
assim bastante parisienses para os
senhores de duvidosa esthetica que
llam o "Popularissimo" do tempo.
Um dos seus jogos de palavras que
mais interessaram aos leitores foi
a proposito de uma mulher que di-
zia estar o marido soffrendo de
"alferes Quelroz", o que depois se
verificou ser apenas "arterio-escle-
rose".

No "Maxixe", Tigre e Phoca pu-
zeram detalhes realmente engraça-
dos e ainda me lembro de um per-
sonagem, cognominado o "Picare-
ta de Ouro", tão subtilmente tra-
çado quanto qualquer aventureiro
das peças de Capus e que vivia
pendo em contribuição a bolsa dos
amigos e fazendo vagas advocacias
administrativas, propondo-se mes-
mo a desposar uma rapariga que,
nas vespersas da maternidade, não
sabia indicar o nome do responsa-
vel, porque "era muito distraida".
Ah! doces dias esses, dias do

Arthur, o caçador, monta o Pequira
E ell-o se vae para a floresta, á caça;
Grita uma pacca ao vel-o, de olho á mira:
— Fugam, que ahi chega um caçador de raça!

Mas a noticia, celere, transpira
Por toda a verde zona em que elle passa.
Ronca um porco do matto: — ai, se, elle atira,
Que sangueira, que damno e que desgraça!

Mas não temaes, ó bichos da floresta!
Das balas que levou nenhuma resta
A Tartarin; e elle vos deixa em paz!

E volta cheio de cansaço e poeira,
Trazendo, em vez de paccas, a algibeira
Repleta de framboezas e aragás...

Esse homem nascido entre os
cannaviaes de Pernambuco não
conseguiu nunca ser virulentamen-
te amargo com o proximo. E' a
mesma boheçia philosophica da-
quelle admiravel Belmiro Braga
que, num dos seus momentos mais
admiraveis, escreveu ser a vida
"um pão de sebo com uma nota
falsa lá em cima".

Não lhe sei de nenhuma compo-
sição escatologica ou pornographi-
ca, nem mesmo de um desses epi-
taphios insultuosos em que não ra-
ro se comprazia, aliás em rythmos
perfeitos, um Emillio de Menezes.
A rigor, o sr. Bastos personaliza
menos, indo mais, como Tolentino,
aos costumes que aos homens. Na
familia de satiricos lusitanos, es-
taria antes com Faustino Xavier de
Novaes que com José Agostinho de
Macedo.

Elle mesmo reconhece que o seu
lemma pôde ser o "sou util ainda
brincando" do garoto de bronze do
Passeio Publico. Parodias ligeiras,
caricaturas que ainda afogam o
medelo, nenhum sadismo deforma-
dor. Optimismo por vezes hurguez

Sim, adoro a floresta!
(Comtante que não fique muito longe
Dos theatros, dos cafés, de tu) que não presta.)

"Tagarella", do gamão de botica,
do carnavalesco Morcego, da estrêa
do chapêo do sr. Raul e dos pun-
hos do sr. Kallisto, dias em que o
espírito era singelamente carioca,
era agua da Carioca, sem neces-
sidade de recorrer, para uma cliente-
la mais exigente, ao bordeaux de
Aurélien Scholl e ao whisky de
Bernard Shaw!

Sim, máo grado conhecer bem o
inglez e, se não me engano, ter via-
jado por terras em que se fala in-
glez, o sr. Bastos Tigre se conser-
va bem brasileiro, bem França Ju-
nior, bem Arthur Azevedo, nos seus
commentarios joçosos á vida. Co-
mo elle proprio reconhece, com
melhor auto-critica do que suppo-
sua poesia é mais "humorismo" que
"humour", esta coisa muito gaue
em que está toda a hilaridade dos
britannicos, "gente que se diverte
muito tristemente", como já accen-
tuava um gaulez malicioso. A ma-
neira do sr. Bastos, apesar do cal-
culo mathematico e do gosto do im-
previsto a que alludi, nada tem de
gelida ou macabramente swiftiana.
Não lhe faltam até as notas de
brandura de delicadeza:

Gosta da chuva, mas vendo-a
através das vidracas de um quarto
conferencia. Também é entusias-
ta do churrasco, do velho descanso
da tarde que deleita a burguezia,
embora nunca sempre nesse dia des-
canso, como os caixeiros e
os amanuenses, porque tem que ir
preparando as humoradas para o
jornal da terça-feira seguinte.

Em materia de religião, o indis-
pensavel para não se indispôr com
as classes conservadoras: nada de
milagres exorbitantes e apenas um
pouco de superstição. Leituras só
as que não perturbem a digestão
e, quanto a philosophia, só a que
seja potavel e não nos dê a tenta-

ção das investidas heroicas, desar-
rumando-nos a vida.

O sr. Bastos é o Rio, o Rio em
tudo, e parece-nos engraçado como
os dois melhores poetas ironicos da
vida carioca, dois dos cariocas mais
espirituosos, fossem um maranhene-
se, Arthur Azevedo, e elle Bastos
Tigre, um pernambucano.

Avesso ao futurismo, prezando a
etymologia e querendo a paternida-
de dos vocabulos bem definida, acha
o futebol meio besta e não sera fan-
tatico das viagens, preferindo ver
o Egypto em fitas de cinema. Sem
tenebrosas especulações metaphysi-
cas, o seu monologo de Hamlet é
preferido por um burocrata:

Quem sou eu, de onde venho e onde, acaso, me leva
O Destino fatal que os passos me conduz?
Ora sigo, a tactear, mergulhado na treva,
Ou tacteio, indeciso, offuscado de luz.

Grão, no campo da Vida onde a morte se céva?
Semente que apodrece e não se reproduz?
De onde vim? da monéra? ou vim do beijo de Eva?
E aonde vou, gemendo, a sangrar os pés nús?

Nessa esphinge da Vida a verdade se esconde;
O espirito concentra e consulto a razão
E uma voz interior, sincera, me responde;

— Quem és tú? — Operario honesto da nação.
— De onde é que vens, — De casa. — Onde é que estás — No
[bonde,
— Para onde vaes? — Não vês? Para a Repartição.

Em summa, esse Tigre (se me
permittem concorrer com elle no
trocadilho) nunca foi um tigre do-
mesticado ou empalhado. Hoje, os
outros agentes de annuncijs, quan-
do não conseguem obter delle, que
é uma especie de "trustman" no
genero, a divisão das encomendas,
entram a chamal-o de poeta do

Urodonal ou do Untisal. Mas não
poderá deixar de ficar na historia
do humorismo brasileiro o nome do
admiravel versificador que tantos
efeitos obtem do rythmo e da ri-
ma, superando difficuldades que
fazem pensar nas dansas funambu-
lescas de um Théodore de Banville
patricio nosso:

— Olha que calma, que serenidade!
A' beira mar um dia segredel-te;
E replicaste, em mystico deleite,
A praia dá saudade...

Não era de um palacio soberana
Que junto a mim eu te quizera, amada;
Mas á sombra de uma arvore copada:
Sob a copa, a cabana...

Fui certo vez a um "cabaret"; nem vi
Que me viste, que azar! comprando a entrada!
— A tí, Juca, disseste-me zangada,
Bem fica andar ahi!

Sem teu amor, curtindo amargo pranto,
A vida passo; os dias se renovam,
E eu rezo a S. Clemente, a S. Christovão,
Rezo a todos os santos...

Sem a esperanza de uma vida nova,
Debalde falo á rocha do teu peito!
Meu pobre coração, em pó desfelto,
Irá já para a cova.

Em tristes versos eu te canto e louvo,
Mas sei que pobre sou de engenho e de arte;
Meu sempiterno amor, para cantar-te
Quizera engenho novo!

Mas com o meu estro pallido e bisonho,
Cantando esta affeição tamanha e tanta,
Amante cruel, do meu amor a planta
A's tuas eu deponho!